

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Combate identitário (I)

Espelho. Diante de sua superfície, identifico-me: meu rosto assegura a mim que “eu sou eu”, não outro. Assim, repousado sobre si mesmo, o olhar tem a mais absoluta verdade de que meu rosto é meu nome, estando essa relação, portanto, estável, fixa, segura, e a fiscalização do Detran me para. O policial pede a identidade. Compara rosto e foto. Sem contratempo, o guardião da ordem diz que posso seguir a viagem: “tudo está normal”. A identidade, porque garante organização, permite a a vida seguir normalmente.

Entretanto, porquanto meu rosto não permanece o mesmo, a foto da carteira de identidade, entre 12 e 60 anos, precisa ser trocada a cada 10 anos, posto que, caso não seja trocada, serei identificado como outro. Isso se impõe como lei porque o rosto é “natureza”, ou seja, tradução do grego “phýsis”, natureza significa “movimento vital”. O rosto é movimento. A identidade fixa, é estável; a identidade, porém, não passa de um corte nominal na superfície, superfície essa com seus graus de velocidade. A identidade, portanto, um engano proporcionado pelo olhar, pela aparência.

O primeiro ocidental a pensar a identidade foi Parmênides, ele quem pensa “o ser”, ele quem pensa “o-que-é”, mas pensa o ser fora do movimento, mesmo porque no movimento não é possível o ser. Então, a filosofia de Platão, em seus últimos 40 anos, pensa o ser “entre” repouso-

-e-movimento, deixando tal beleza de pensamento nas linhas de “O Sofista”. A luta identitária, contudo, oposta a “O Sofista”, afirma-se com os seguintes termos: “eu sou e o outro não é”, quer dizer, porque existe algo fora do ser, “ele não é o que sou”. O outro, minha oposição.

A luta identitária afirma, portanto, “ser e não-ser”. Heráclito afirma essa oposição. Hegel também. Em seus últimos 40 anos, Platão a supera, porque, em “O Sofista”, em sua sétima síntese, “o-não-ser-é-o-ser”, não havendo dualismo, não havendo oposição. Ver tamanha beleza de pensamento, no entanto, não depende dos olhos, e sim de uma filosofia que, pensando para além da aparência, movimentasse “entre” repouso-e-movimento ou “entre” Parmênides-e-Heráclito, filosofia essa que nos liberta dos extremos.

A luta identitária não leu esse profundo Platão, mas Proudhon-Bergson-Nietzsche-Foucault-Blanchot-Serres-Deleuze, por exemplo, não só leram como foram afetados por seu pensamento. Por ser identidade, tal luta não cria linhas de fuga.



A anatomia de uma ruptura

Divulgação

Romance de estreia de Helena Duncan mergulha na mente de uma mulher diante do abismo existencial aos 50 anos

A estreia literária de Helena Duncan é marcada por coragem narrativa e profundidade emocional. Em “O Manual do Monstro”, lançado pela editora Interseção Design de Histórias, a jornalista dá voz a Laura, uma mulher prestes a completar 50 anos que, diante de uma descoberta devastadora, vê sua estrutura emocional desmoronar. Bem-sucedida e inserida num contexto social ainda pautado pelo machismo, ela tenta reconstruir sua própria história — no seu tempo, à sua maneira.

A trama convida o leitor a atravessar o labirinto mental da protagonista, em uma jornada íntima, instável e reveladora. É esse mergulho que a jornalista Ana Carolina Raimundi destaca na apresentação da obra: “Helena amarra o leitor num thriller psicanalítico que nos faz refletir sobre nossas próprias profundezas, sobre aquelas feiúras humanas que a gente sente, mas tem vergonha de admitir. Laura produz o seu próprio antídoto”.

O prefácio é assinado por outra jornalista, Bianca Ramoneda, que destaca a complexidade da composição literária de Helena. Segundo ela, a autora “traz para sua partitura um conjunto de elementos desafiantes para montar a polifonia de sua história”. Não por acaso, a música ocupa lugar de destaque na obra: há uma playlist com 23 canções que



Helena Duncan constrói um thriller psicológico nas páginas de ‘Manual do Monstro’, que marca sua estreia na literatura

Divulgação



acompanham a narrativa, com nomes como David Bowie, Gal Costa, Lenine, Caetano Veloso, The Smiths, Elizeth Cardoso, Chico Buarque e Zélia Duncan.

A capa, concebida por Sérgio Osório, arquiteto e designer, dialoga com o desconstrutivismo e o cubismo, reforçando o tema

da fragmentação da identidade e da ruptura com formas fixas de percepção. Essa estética traduz visualmente a experiência de Laura: diante do colapso, ela é forçada a reexaminar tudo o que a definia.

Nascida em Niterói e criada em Brasília, Helena Duncan carrega o espírito carioca em sua trajetória. Jornalista e empreendedora, é diretora de comunicação da Ímã Conexões com Propósito, empresa que fundou ao lado das irmãs Zélia Duncan e Ana Vitória Surreaux, com o intuito de aproximar marcas de causas sociais e construir legados com impacto positivo.

A Interseção Design de Histórias, editora independente criada por Andréa Samico, que aposta em narrativas literárias diversas, com foco em temas contemporâneos e em autores dispostos a provocar o pensamento e as emoções do leitor.